

EPISTEME: FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS *EM REVISTA* traz a seus leitores seu oitavo número, buscando criar um espaço para a discussão dos diversos temas e enfoques que constituem as indagações da história e filosofia das ciências, desde a preocupação com questões epistemológicas, conceituais e metodológicas de fundo, em seus diversos níveis e determinações, até sua aplicação à qualificação do ensino e ao resgate histórico das nossas instituições científicas. Mantendo-se fiel a seus propósitos, apresenta, contudo, a partir deste número, algumas inovações.

Do ponto de vista de sua política editorial, conforme o leitor pode identificar na contra-capas, houve uma ampliação de nosso Conselho Editorial, que passa a contar com um representante do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências – ILEA/ UFRGS, grupo responsável pela publicação de *Episteme*, Attico Chassott, cuja dedicação e competência tanto serviu, até o segundo semestre de 1998, à editoria de nossa revista e merecerá sempre nosso reconhecimento. Além de Attico Chassot, passamos a contar também com o prestigioso trabalho dos conselheiros Alberto Cupani (UFSC/SC, Brasil), Caetano Ernesto Plastino (USP/SP, Brasil), Eduardo Antonio Rabossi (Universidad de Buenos Aires /Argentina), Mario Otero (Universidad de la Republica/Uruguai), Michael Ruse (University of Guelph/Canada), Timothy Lenoir (Stanford University/USA), Víctor Rodríguez (Universidad Nacional de Córdoba/Argentina), ampliando nosso Conselho nacional e internacionalmente. O alcance internacional de *Episteme* dá-se hoje não só em termos de sua distribuição, mas de seus conselheiros e dos colaboradores que a ela submetem seus trabalhos. Assim, formalizando uma situação que, de fato, vem se criando desde nosso número 5, onde já encontramos artigos publicados em língua espanhola, decidimos, a partir do presente número, abrir nossa publicação também a autores de língua inglesa. No presente número, temos três artigos de autores nacionais e quatro de autores estrangeiros, três em língua espanhola e um em língua inglesa.

A outra inovação refere-se à numeração de *Episteme*, a respeito da qual ressentiamo-nos da opção inicialmente feita, de manter os volumes correspondendo ao número de anos da publicação de nossa revista e os números propriamente ditos ao número de semestres havidos, a contar do semestre de sua primeira publicação, 1996/1. Nossa escolha teve em vista o estímulo causado pela ordem crescente desse indicativo numérico, mas ficou afeita a equívocos causados pela usual expectativa de ver o número apenas como uma especificação do respectivo volume. A partir de 1999, optamos por manter a seqüência da numeração, excluindo a referência ao volume e acrescentando a referência aos meses e ano correspondentes a cada número. Fica, todavia, mantida a periodicidade semestral que tem marcado *Episteme* desde seu lançamento, à exceção dos três números publicados em 1998, com dois deles dedicados ao evento FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: I ENCONTRO DO CONE SUL. O presente número passa, pois, a ser identificado por n. 8 jan./jun. 1999.

Nossa tradicional seção de entrevistas abre este número 8, com Aldo Mellender Araújo e Daisy Lara de Oliveira *Conversando com Michael Ruse* sobre tópicos instigantes

e controversos na abordagem da teoria da evolução, da filosofia e história da Biologia e da filosofia e história das ciências em geral. O entrevistado é renomado filósofo da ciência, das ciências biológicas, em particular, e conrito darwinista, autor de mais de 15 livros. Essa entrevista foi realizada durante sua estada em Porto Alegre, no final do mês de maio de 1998, quando esteve na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a convite de seu Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências/ILEA, que, junto com a Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS e o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, promoveu uma série de três palestras durante os dias 25 e 26.5.98, intituladas "The Morality of the Gene: A Sociobiological Approach to Ethics", "Crossing the Divide: Making Evolution into Professional Science" e "Darwin Then and Now", abertas ao público e com tradução simultânea para a língua portuguesa. Nessa entrevista, Michael Ruse traz a discussão de questões epistemológicas tradicionais ao calor das polêmicas atuais. No que tange ao exame das influências socioculturais nos padrões da ciência, reserva, por exemplo, aguda crítica à análise de feministas como Donna Haraway. Com igual vigor, critica duramente, no plano das teorias biológicas, a teoria da auto-organização de Stuart Kauffman. O interesse despertado pelas perguntas relevantes que lhe foram feitas, seguindo uma conversação inteligente, bem como o teor e estilo "direto", provocativo, voltado ao âmago das questões, exibido em suas respostas, fazem dessa entrevista uma peça de indispensável leitura.

Os artigos que compõem o presente número contemplam tanto áreas mais específicas de tematização, no âmbito das ciências biológicas e das ciências humanas, como a discussão de questões de fundo, que perpassam diversas áreas.

No âmbito das ciências biológicas, apresentamos os artigos *William Bateson: da evolução à Genética* de Lilian Al-Chuyer Pereira Martins, *Más que una hipótesis: una tercera aproximación popperiana al darwinismo* de Gustavo Caponi e *Metaphor in Evolutionary Biology* de Michael Ruse, esse último inaugurando nossa abertura a publicações em língua inglesa. *Lilian Al-Chuyer Pereira Martins* discute o pensamento evolucionista do naturalista inglês William Bateson, a partir de seus trabalhos na tradição morfológica, até chegar ao estudo baseado nas evidências obtidas a partir de cruzamentos experimentais, antes da "redescoberta" dos trabalhos de Mendel. Conclui que suas idéias sobre a descontinuidade das variações não foram estabelecidas de modo *a priori* e que, contrariamente à opinião de alguns historiadores da ciência, não era um antidarwinista e nem anti-selecionista. *Gustavo Caponi*, partindo da caracterização popperiana do darwinismo como programa metafísico de investigação, propõe que o princípio de seleção natural seja tomado como uma regra metodológica de estatuto análogo ao que Popper atribui ao princípio de causação, permitindo pensar as estruturas orgânicas, em determinados domínios da experiência, em termos de "solução a uma situação de problema" que deve ser reconstruída. *Michael Ruse*, tomando o pensamento evolucionário (o darwinismo, em particular) como estudo de caso, examina o tema da metáfora na ciência. Defende a idéia de que a metáfora é essencial à ciência, promove os valores epistêmicos (como o da fertilidade preditiva) que os cientistas cultuam e não pode ser eliminada sem significativa perda de conteúdo. Examina as relações do tema da metáfora com a questão bastante discutida da natureza objetiva/subjetiva da ciência, mostrando

que a ciência é naturalmente cultural, sem que isso signifique que não haja mais espaço para uma desinteressada visão da natureza.

Liberdade, igualdade e propriedade em Locke, Ferguson e concomitantes considerações de ordem antropológica de José Sávio Leopoldi e *Precursores del Psicoanálisis en la America Latina* de Thomas F. Glick nos proporcionam reflexões na área das ciências humanas. José Sávio Leopoldi examina a importância das idéias de propriedade, liberdade e igualdade para a compreensão dos horizontes filosóficos de John Locke e Adam Ferguson. Paralelamente, coloca aquelas idéias sob uma perspectiva antropológica, discutindo sua aplicabilidade ao contexto das sociedades indígenas e destacando a atualidade antropológica de suas reflexões. O artigo de Thomas F. Glick chama a atenção para a importância cultural do trabalho dos precursores da psicanálise na América Latina, nas décadas de 20 e 30, quando foram publicadas as *Obras Completas* de Freud em castelhano e suas idéias foram difundidas em todas as Faculdades de Medicina. O autor destaca o caráter profissional dos precursores, médicos psiquiatras ou de outras especialidades, com formação e prática em elementos da teoria freudiana, os quais divulgavam junto ao público, antes do advento de instituições de formação e terapia psicanalíticas oficialmente autorizadas. Glick também examina casos de psicanálise "selvagem" ocorridos no Brasil, Argentina e Peru, além de fornecer uma referência bibliográfica comentada ao final de seu artigo.

Na perspectiva de questões que se encontram no fundo do questionamento de várias áreas, temos a análise de dois aspectos distintos envolvidos na discussão da produção do conhecimento científico. Em *Produção social da ciência: os intelectuais entre a utopia e a práxis*, Maíra Baumgarten busca elementos que contribuam ao debate acerca da produção do conhecimento científico e das relações entre ciência e sociedade em uma perspectiva crítica, enquanto Norma S. Horenstein, em *Stegmüller y la fundamentación de un holismo moderado*, aborda a questão da produção do conhecimento científico no marco da discussão de uma concepção imanente do progresso científico a haver-se com as relações entre holismo, reducionismo e mudança teórica. O trabalho de Maíra Baumgarten concentra-se no exame na comparação de conceitos encontrados em Mannheim e Gramsci, indicando afinidades e diferenças entre o pensamento desses autores, no que diz respeito à natureza social do conhecimento científico e à articulação entre ciência e verdade, bem como entre ciência e ação social. Norma Horenstein examina a taxonomia proposta por Stegmüller nas suas análises sobre o holismo, sustentando a tese de que Stegmüller assumia uma posição holista moderada, partilhada por filósofos inseridos numa tradição de análise das teorias científicas em termos de modelos teóricos e enfatizando que Stegmüller examina os vínculos entre a tese holista e os problemas da redução e da mudança teórica num contexto distinto do escolhido por Sneed.

Nossa seção de resenhas está bastante sugestiva e diversificada. Publicada em 1998, a obra organizada por Attico Chassot e Renato Oliveira, *Ciência, ética e cultura na educação* é resenhada por Ana Canen, sob o mesmo título da obra que detalhadamente analisa e fortemente recomenda àqueles que se preocupam em fazer do ensino um processo voltado ao resgate da cidadania e ao desafio das exclusões. Conforme palavras da própria resenhista, o livro, voltado a docentes do ensino fundamental e médio, é, por sua estrutura e conteúdo, um convite ao diálogo, à parceria leitores-escritores na construção,

interpretação e transformação contínua do conhecimento e da palavra que busca sua expressão.

As demais são resenhas de obras publicadas em 1996, mas que conservam o frescor da primeira leitura. É esse o caso da resenha que nos apresenta *Attico Chassot, O desvelar-se de um mito incógnito*, trazendo-nos uma reflexão sobre a obra de Paul Feyerabend, *Matando o tempo* (trad. 1996), leitura indispensável da biografia de um dos pensadores que demarcaram o quadro da contemporaneidade. É esse também o caso de uma obra referente a uma figura certamente não tão conhecida como Paul Feyerabend, mas cujo trabalho é bastante revelador de seu contexto, em outra ponta do espectro temporal, os inícios dos tempos modernos. Trata-se da obra *PEDRO NUNES (1502-1578) - His Lost Algera and Other Discoveries* (1996), tendo John R. C. Martyn por editor e tradutor, resenhada por Ubiratan D'Ambrosio em *Uma álgebra perdida e outras descobertas*. A par da riqueza revelada pela obra quanto ao trabalho de Pedro Nunes e sua importância para a História da Matemática, bem como para a compreensão das vicissitudes contextuais por que passa o trabalho do intelectual, Ubiratan D'Ambrosio também destaca o caráter notável da contribuição de John R.C. Martyn, com seus comentários tanto matemáticos quanto referentes à contribuição de Pedro Nunes à poesia e aos estudos religiosos.

A importância do trabalho do tradutor, mais uma vez, confirma-se na resenha do livro *Óptica* de Isaac Newton com a tradução e notas de André Koch Torres Assis (1996), que *Sílvia Helena Becker Livi* oferece-nos em *Óptica de Newton, além da luz*. A resenhista destaca que aí nos deparamos com outra faceta de Newton: a do cientista experimental e inventor de instrumentos, e encontramos, nas questões apresentadas na parte final do terceiro livro, mais abertamente exposto o pensamento de Newton sobre gravitação, reações químicas, funcionamento da visão e dos demais sentidos, natureza da matéria, do vácuo e do éter, entre outros. É ressaltado o trabalho do tradutor, contribuindo não só com uma cuidadosa tradução, mas com inúmeras notas, várias vezes ilustradas com esquemas da época, e com uma apresentação situando o trabalho de Newton na história da Óptica.

Apresentado nosso número 8, convidamos à sua leitura. Agradecemos o prestigioso interesse que temos recebido de nossos leitores e a colaboração daqueles cujo trabalho constitui mais este número de *Episteme*. Reiteramos a todos nosso propósito e esforço para aqui continuar proporcionando um espaço de profícua discussão em filosofia e história das ciências, voltada à pesquisa e ao ensino.

Anna Carolina K. P. Regner
Editora